

A GEOGRAFIA FRANCESA NOS MEADOS DO SÉCULO XX E A CONTRIBUIÇÃO DE JEAN TRICART

1

Como se sabe, a ciência geográfica moderna é relativamente recente, fundada que foi na primeira metade do século XIX por A. von Humboldt (1769-1859) e K. Ritter (1779-1859), durante o processo que desembocou na unificação alemã. Mesmo mantendo sua força na Alemanha, a geografia alemã moderna migrou para os Estados Unidos, a Rússia, a Inglaterra, a França e outros países, mas foi na França, durante a primeira metade do século XX, que surgiu uma nova geografia, chamada de “Geografia Francesa”, aparentemente em oposição à geografia alemã.

A troca de influências intelectuais entre a França e a Alemanha sempre foi muito forte em todos os campos e também ocorreu na gênese da geografia moderna. Humboldt, após duas viagens de pesquisa à América espanhola (1799-1804), se instalou por vinte anos em Paris, onde manteve diálogo com cientistas como Gay-Lussac, Laplace, Lamarck, Cuvier, Arago, Jussieu e outros, que permitiu o uso das ciências especializadas na criação de uma geografia regional, capaz de sintetizar inúmeros conhecimentos distintos num determinado território e de uma geografia sistemática (geral, no dizer de De Martonne), capaz de estabelecer inter-relações teóricas entre as especializações, como I. Kant havia proposto.¹

O avanço da geografia germânica com Humboldt e Ritter forçou os franceses a procurar a Alemanha, como aconteceu com Reclus, que foi discípulo de Ritter. Com a criação da geografia universitária francesa o movimento se intensificou. Após assumir a cadeira de geografia em Nancy (1872), P. Vidal de La Blache (1845-1918) foi visitar O. Peschel em Leipzig e von Richthofen em Berlim, assim como estimulou, mais tarde, Max Sorre a assistir aulas com Ratzel e De Martonne a seguir aulas de Richthofen, A. Penck e J. Hann.²

Foi sob a liderança de La Blache que a geografia francesa começou a rivalizar e mais tarde nos anos 30, a ultrapassar a geografia alemã. Sua liderança se manifestou: 1) pela intensificação dos contatos com a geografia alemã, 2) pelo intercâmbio com especialistas da geologia (Emm. De Margerie) e da biologia (A. Chevalier e L. Cuénot), 3)

¹ G. Taylor (org.): *Geography in the twentieth century*, Londres, Methuen, 1951 cap.2, de G. Tothan.

² A. Cholley: Emm. De Martonne, necrológio, *Ann. de géographie*, 1956.

pela orientação de teses de doutorado: as primeiras teriam sido as de J. Brunhes e de E. de Martonne em 1902, tendo lecionado na Sorbonne de 1898 a 1909, 4) pela publicação de livros: revista (*Annales de géographie* a partir de 1891), cartas-murais escolares, Atlas générale Vidal de La Blache (*histoire et géographie*), 5) pelo planejamento da monumental *Géographie Universelle*, editada após sua morte, de 1927 a 1948, além de outras atividades e iniciativas.

Assim sendo, já em 1922 L. Febvre (“A Terra e a evolução humana”) podia assinalar alguns traços distintivos da geografia francesa frente à alemã: 1) a idéia de possibilismo ao invés do “determinismo” de Ratzel, assumindo uma posição mais equilibrada no estudo da relação homem-natureza, não aceitando um possibilismo radical, que valorizava a ação humana independente da natureza (E. Durkheim) e nem a ênfase ratzeliana nos fatores naturais e 2) a valorização dos estudos regionais, presente nas teses de seus discípulos (De Martonne, Demangeon, Blanchard entre outros), expondo as condições naturais e introduzindo depois os chamados “gêneros de vida” como elementos centrais da ação humana, num certo reducionismo do social ao natural, postura matizada após sua viagem aos Estados Unidos (UGI-1904) pela categoria “civilização”, para dar conta dos fatores humanos de grandes dimensões territoriais. Mais tarde lablachianos como P. Gourou fizeram grande uso desta proposta (civilização do arroz, para a Ásia do sudeste), assim como P. George para classificar tipos de cidades à escala mundial (européias, americanas, socialistas, etc.).

2

Com o falecimento de Paul Vidal de La Blache, logo após a publicação do seu “*La France de l’Est (Lorraine-Alsace)*” editado em 1917 e que alcançou a 4ª edição em 1920, a liderança da geografia francesa passou às mãos de seu discípulo De Martonne, que já vinha sendo preparado para a função. De Martone (1873 – 1955) doutorou-se aos 29 anos com um estudo regional na Romênia (*La Valachie, Essai de Monographie Géographique*, 1902), habilitando-se a participar das conversações sobre as novas fronteiras européias, após a Primeira Guerra Mundial.

Os esforços de crescimento da geografia francesa continuaram com De Martonne, que já havia se destacado com a publicação em 1909 do primeiro volume do seu “*Traité de Géographie Physique*”, que sistematizou os conhecimentos elaborados até então, sobretudo

por W. M. Davis, com quem La Blache e De Martonne estiveram nos Estados Unidos em 1904³.

De Martonne, por sua vez, preparou seu sucessor, A. Cholley (1886 – 1968), começando por orientá-lo na tese “*Les Préalpes de Savoie*”, de 1925 e introduzindo-o dois anos depois na Sorbonne. Juntamente com seu mestre De Martonne e com A. Demangeon, A. Cholley contribuiu para novo salto qualitativo da geografia francesa, que passou a ser a principal escola do mundo nos anos 30⁴.

Se a guerra franco-prussiana (1870–1871) teve um grande papel impulsionador da moderna geografia francesa, a Primeira Guerra Mundial (1914–1918) constituiu um divisor de águas na história da humanidade. Revelou o caráter destrutivo do capitalismo e juntamente com a vitória da revolução soviética (1917) provocou uma polarização na vida política e intelectual à escala mundial. Desde então passou a reinar, no dizer de P. Monbeig, “o medo e recusa de ver claramente” e “a humanidade branca perdeu confiança nela mesma e confiança no seu futuro”⁵. Acrescente-se que à guerra e à revolução soviética seguiu-se o início de outra fase depressiva do ciclo longo mundial (1920–1948), durante o qual ocorreu a crise de 1929, com enormes consequências.

Com a fundação em 1924 da chamada Escola de Frankfurt (Adorno, Marcuse e outros) surgiram as primeiras tentativas de uma geografia marxista na Alemanha, com K. A. Wittfogel e W. Christaller⁶. A subida do nazismo ao poder em 1933 não só provocou enorme êxodo intelectual (o romancista T. Mann, o geógrafo L. Waibel entre outros), como abortou a tentativa acima referida.

Enquanto a geografia marxista alemã foi uma explosão de curta duração, na França a presença do marxismo na geografia se fez mais lentamente, mas com mais frutos. A primeira manifestação de fôlego da esquerdização de parte da intelectualidade francesa foi a publicação a partir de 1929 dos “*Annales d’histoire économique et sociale*”, revista inspirada nos *Annales de Géographie* e que contou no seu comitê de redação com dois geógrafos de peso, A. Demangeon e A. Siegfried. Marc Bloch e Lucien Febvre, seus fundadores foram influenciados pelas idéias marxistas e de interdisciplinaridade. M. Bloch (1886–1944), como J. Ancel, dedicado à geografia política, e outros intelectuais franceses,

³ N. BROU: Vidal de La Blache em *America do Norte*, Ann. De Géographie, 1991.

⁴ A. Mamigonian: *A escola francesa de geografia e o papel de A. Cholley*, Cadernos geográficos, UFSC, 2003.

⁵ P. Monbeig: *La Crise des sciences de l’homme*, Casa Estud. Brasil, R. Janeiro, 1943.

⁶ Wittfogel: *Teoria e método*. Seleção de textos AGB – São Paulo nº 20, 1992, org. H. D. Heidemann: *Geopolítica, materialismo geográfico e marxismo*, p. 19 a 69 e *As causas naturais da história econômica: natureza e sociedade no sistema marxiano*, p. 71 a 84. W. Christaller: *Die zentrale oste sudentland*,

morreu fuzilado, resistindo ao nazismo⁷. Numerosos estudantes de geografia que em 1928 – 29 faziam suas agregações ou seus diplomas de estudos superiores em Paris, como J. Dresch e P. Monbeig, passaram por um processo de esquerdização, assim como alguns professores. A. Cholley, por exemplo, destacou as classes sociais no povoamento rural francês no “*Présentation de une carte de la repartitive de l’habitat rurale*” (UGI – Paris, 1939), numa das primeiras manifestações de geografia social, na opinião de P. Claval⁸.

Entretanto a geografia francesa nos anos 20 a 30 continuava fortemente “regional”, dando seqüência à tradição de teses universitárias sobre uma região delimitada, estudada em suas bases naturais, sobre as quais se inseriam as atividades humanas, tudo com grande riqueza de detalhes. Entre as primeiras teses do início do século XX, apenas as de J. Brunhes (*L’irrigation: des conditions géographiques, ses modes et sou organization dans la peninsule Iberique et dans l’Afrique du Nord*, de 1902) e de Midorre (*Les Pyrénées méditerranées, étude de geographie biologique*, de 1913) fugiram parcialmente à regra estabelecida por P. Vidal de La Blache. Assim, se sucediam as teses regionais de D. Faucher (*Plaines et bassie du Rhône moyen*, Valence, 1927), C. Rodequain (*Le Than Hoa, étude géographieque d’une province annamite*, Paris, 1929), A. Gibert (*La Porte de Bourgogne et d’Alsace*, Paris, 1930), A. Meynier (*Segalas, Lézou, Chataigneraie, Aurillac*, 1931), P. Deffontaines (*Les hommes et leurs travaux dans les Pays de la Moyenne Garonne*, Lille, 1932), R. Dion (*Le Val de Loire*, Tours, 1933), P. Gourou (*Les paysans du delta tonkinois*, Paris, 1936) e outras⁹.

Ora, se os estudos regionais franceses tiveram grandes méritos, criaram também algumas armadilhas, a mais limitante das quais foi pretender estabelecer uma lógica seqüencial de fatos naturais sucessivos, seguida de fenômenos humanos, que seriam apenas conseqüências. O espírito da coleção “*Geografia humana*”, da editora Gallimard, publicada de 1933 até 1972, apesar de suas inúmeras qualidades, revela didaticamente esta armadilha, como aparece em livros escritos por P. Deffonteines, organizador da coleção: *L’homme et l’hiver au Cavada* (1957), entre outros¹⁰. Tratava-se de uma visão “naturalizada” da geografia, enfatizando a natureza e sua influência sobre o homem, como se fosse a única geografia possível. Não se percebia que Humboldt já havia indicado, a

⁷ A. Mamigonian: *op. cit.* p. 22 e 25.

⁸ P. Claval: *Histoire de la Géographie française de 1870 à nos jours*, Nathan, 1998.

⁹ J. Tricart: *L’Habitat rural*, CDU, Paris, 3ª ed., 1959.

¹⁰ P. Deffonteines, brilhante geógrafo da escola regional francesa, se despreendeu da armadilha regional em outros trabalhos, como no seu *Géographie et religions*, de 1948, da mesma coleção. A visão “naturalizada” da geografia apareceu no Brasil entre outros em Lamego, na série *O homem e a restinga, O homem e a serra*, etc do CNG-IBGE.

partir das idéias de Kant, os dois caminhos da geografia: 1) começar pela natureza, vista como um sistema, em direção aos fenômenos humanos e 2) iniciar pela sociedade, vista como um sistema e ir em direção dos fenômenos naturais¹¹.

3

Na geografia francesa as teses universitárias tiveram importante papel impulsionador da continuidade ou da renovação das tendências existentes. A tese de A. Cholley, acima referida, teve um grande efeito inovador, pois 1) enfrentou o desafio, como mais tarde também ocorreu em J. Chardonnet (*Le Relief des Alpes de Sud*, Patis, 1947), de colocar em debate as idéias de E. de Martonne, orientador de ambos, com as de R. Blanchard sobre a geomorfologia alpina (*Les Alpes Françaises*, 5 vols., Grenoble), 2) introduziu na climatologia francesa o conceito de massas de ar, dos meteorologistas escandinavos J. Bjerkner e H. Solberg, e trabalhou na região estudada não só com temperaturas e precipitações, mas também com tipos de tempos e estações do ano, 3) percebeu a existência de inúmeros “sistemas” naturais integrados, unidades distintas umas das outras, apesar de vizinhas, a partir do olhar privilegiado de uma região montanhosa, como ocorreu anteriormente com Humboldt e M. Sorre, e posteriormente com J. Dresch e G. Bertrand¹².

Do embate entre as idéias de Emn. De Martonne e R. Blanchard sobre o relevo alpino, A. Cholley enveredou por um caminho crítico em relação à geomorfologia estrutural até então dominante. Como assinalou F. Joly¹³ os primeiros geomorfólogos foram todos geólogos, como Emm. De Margerie na França e W. M. Davis nos EUA e não tinham uma visão das formas do relevo que abrangesse todo o meio ambiente, e que fosse parte dele, como a geografia exigia. Ao aprofundar seus estudos dos processos erosivos, Cholley foi percebendo a enorme importância do clima e elaborou a idéia de geomorfologia climática fundamentada na visão de “sistemas de erosão”, diferentes conforme os climas¹⁴. Durante os anos 30 A. Cholley intensificou suas pesquisas geomorfológicas referentes à França e acabou elegendo a bacia sedimentar de Paris como a principal área de estudos, onde decifrou as chamadas “*Surfaces mentierisées de la région parisienne*” (*Bulletin de*

¹¹ G. Tathan, in G. Taylor: *Geography in the twentieth century*, 1951.

¹² Humboldt estudou os Andes, Sorre e G. Bertrand estudaram em épocas diferentes os Pirineus e J. Dresch o “*Manj Central du Grand Attar de Monakech*”, 1940 (tese orientada por De Martonne).

¹³ F. Joly: *La Géographie n'est-elle qu'une science humaine?*, Herodote nº12, 1978.

¹⁴ As idéias inovadoras de A. Cholley sobre a geomorfologia estão sistematizadas em “*Morphologie structurale et morphologie climatique*”, Ann. De Géographie, 1950.

l'Assoc. des géogr. français, 1938), no planalto calcário da Brie, de origem geológica terciária, que havia passado por processo de perda de seus componentes “moles”, com conseqüente aumento dos seus componentes duros, silicosos, numa fase seca do quaternário, permitindo falar em “superfícies terciárias poligênicas”, que já havia pesquisado no Jeux meridional em 1932. Adotou a bacia sedimentar de Paris como área de pesquisas de seus discípulos, procurando se apoiar nos estudos sedimentológicos do laboratório de geomorfologia, da École Pratique des Hautes-Études, onde A. Cailleux trabalhara com bons resultados¹⁵. Estes estudos dos geógrafos franceses, de J. Dresch mas sobretudo de A. Cholley e seus discípulos levaram à mudança da agenda geomorfológica da União Geográfica Internacional, que em Lisboa (1949) ainda discutiu as “superfícies de aplainamento nos dois lados do Atlântico”, mas que em Washington (1952) passou a dar ênfase aos depósitos de encostas, inclusive “cascalheiros”, tão reveladores dos processos paleo climáticos¹⁶.

A referência que acabamos de fazer a geomorfologia valia também para os fatos naturais, que serviam de “base” para a geografia humana regional francesa. A compartimentação do relevo em relação aos solos, em relação ao clima e assim por diante, levava freqüentemente à ausência de um verdadeiro estudo de meio ambiente, que resultasse de uma visão dialética da natureza como um todo, em que seus diferentes componentes aparecessem entrelaçados, como havia ensinado Humboldt. A principal exceção a esta tendência positivista na primeira fase das teses regionais francesas foi o estudo M. Sorre, acima referido, provavelmente por se tratar de uma região montanhosa e por ser biogeográfico, exigindo por estes dois lados uma visão integrada. Contribuição semelhante foi dada por A. Cholley a partir das idéias de que os fatos geográficos são combinações relativamente simples quando se tratam de fenômenos físicos elementares relacionados entre si, mas são crescentemente complexas ao englobarem fenômenos biológicos (“*les régions naturelles sont essentiellement d'ordre écologique*”), abrindo caminho para visão de geossistema¹⁷.

¹⁵ A. Cholley orientou as teses de J. Tricart sobre “*La partie orientale du bassin de Paris*”, de Ph. Pinchemel sobre “*La partie nord-ouest du bassin de Paris et la partie sud du bassin de Londres*” e de A. Jolrnaux sobre “*Las plaines de la Saône et Leus bordurei montagneuses*”. A orientação de Cholley do uso sistemático das técnicas de análise das areias de argila levou à abertura de laboratórios de sedimentologia em Paris (Mme. Ters), Estrasburgo (J. Tricart) e Caen (A. Jorneaux) nos anos 50. As informações sobre as superfícies “*meulisees*” são de J. Pellerin.

¹⁶ Conforme depoimento oral de C. A Figueiredo Monteiro.

¹⁷ “*Regions naturelles et régions humaines*”, L’Inform. Géographique, 1940 e *Guide de l’Étudiant en Géographie*, Paris. 1942. A. Cholley foi reconhecido por G. Bertrand e F. Joly pela sua contribuição à análise sistêmica na geografia (Hérodote, la géographie et la physique, nº12, 1978) e pelo seu pioneirismo na idéia de geossistema, conforme G. Bertrand na entrevista a Geosul nº26, 1998.

Ainda nos anos 30 numa parte da geografia humana também passou por um processo de esquerdização política. P. George, sob orientação de A. Cholley defendeu sua tese de doutorado¹⁸ e publicou sua “*Géographie économique et sociale de la France*” em 1938, assim como Ch. Parain, historiador e geógrafo marxista, publicou em 1936, na coleção dirigida por P. Deffontaines, o seu “*La méditerranée (les hommes et leurs travaux)*”, bem como R. Clozies defendeu em 1941, sob orientação de A. Cholley sua tese sobre a “*Gare du nord*”, importante estação ferroviária e de metrô da cidade de Paris. A partir de 1935 P. Monbeig iniciou suas pesquisas sob orientação de A. Demangeon e também de M. Bloch, que resultaram na mais importante tese da geografia humana produzida sobre o Brasil, “*Pioneiros e fazendeiros de São Paulo*”, concluída em 1949¹⁹.

4

Curiosamente, o avanço teórico e as novas tendências da geografia francesa nos anos 30, quando ela se tornou hegemônica a nível mundial, não foram apontados por A. Meynier nem por P. Claval nos seus balanços históricos, apesar de enfatizados por A. Cholley²⁰. Foi no ambiente efervescente dos anos 30 que J. Tricart fez sua licenciatura em Geografia e História e logo se tornou o principal discípulo de A. Cholley.

Jean Tricart (1920-2003) defendeu sua tese de doutoramento aos 29 anos de idade, em debate acirrado com J. Dresch, seu principal examinador. Em seguida animou-se a grandes vãos intelectuais, começando pela edição de uma nova revista especializada, *La revue de geomorphologie dynamique*, juntamente com A. Cailleux, visando divulgar as novas tendências das pesquisas morfo-climáticas²¹.

¹⁸ *La région du Bas-Rhône (étude de géographie régionale)*, Paris, 1935. O livro sobre a França foi editado pelas Ed. Sociales Internationales, ligada ao PCF. P. George passou a dominar a língua russa, como também aconteceu com Christopher Hill, historiador marxista inglês. Note-se que M. Prenant, pai do geógrafo A. Prenant, publicou pela mesma editora “*Biologie et marxism*” em 1935 e uma biografia de Darwin em 1937 (informação de M. Graciana E. Vieira). Lembre-se que em 1936 o *Front Populaire*, coalizão de esquerda chegou ao governo francês.

¹⁹ M. Bloch estava estudando a expansão para leste do povoamento germânico na idade média e deu importantes sugestões a P. Monbeig, conforme informações. Os primeiros resultados de suas pesquisas, “A zona pioneira do norte do Paraná”, saíram em Geografia, nº1, 1935 (informação de Tânia Fresca).

²⁰ A. Meyner: *Histoire de la jeuseé géographique en France (1872-1979)*, PUF, 1969 e P. Claval: *Histoire de la Géographie française de 1870 à nos Jours*, Nathan, 1998. A. Cholley organizou *La géographie française au nuliieu du XX siècle*, Paris, 1957.

²¹ O debate com J. Dresch foi presenciado por A. Teixeira Guerra, conforme informações de M. Alves de Lima. Os organizadores da revista se propunham a difundir artigos originais de especialistas franceses e estrangeiros, indicações e orientações para os pesquisadores iniciantes, bibliografia fichada de todas as publicações mundiais do ramo, resenhas críticas das principais obras e abundantes ilustrações.

J. Tricart tornou-se conhecido internacionalmente com a publicação do artigo “*Premier essai sur la geomorphologie et la pensée marxiste*” (*La pensée* nº47, 1953, p. 62-72), que suscitou comentários de J. Suret-Canale (“*La crise de la geomorphologie et le marxisme, La pensée e idealism et géographie*”, *La Nouvelle Critique* nº75) e de R. Guglielmo (“*Géographie et dialectique*”, *La Nouvelle Critique* nº 68, 1955), ambos marxistas como J. Tricart. Suas respostas, “*Quelques reflexions sur l’intervention*” de J. Suret-Canale (*La Nouvelle Critique* nº77) e o novo artigo “*La Geomorphologie et la pensée marxist*” (*La Pensée* nº 69, 1956, p.55-76) agitaram os especialistas. J. Tricart discutiu o texto do seu primeiro artigo com A. Cholley e os dois artigos davam conta das mudanças radicais que aconteciam na geomorfologia²².

Da imensa produção geomorfológica de J. Tricart, sua obra de maior fôlego foi seu “*Traité de geomorphologie*” (Ed. SEDES, Paris), publicado em cinco volumes, ao longo dos anos 60, em parceria com A. Cailleux²³: 1) introdução à geomorfologia climática (308 p. e 50 fig.), 2) o modelado das regiões periglaciais (512 p.), 3) o modelado glacial e nival (510 p. e 144 fig.), 4) o modelado das regiões secas (472 p. e 44 figuras) e 5) o modelado das regiões quentes, florestas e savanas (324 p. e 64 figuras).

Vale a pena ressaltar que tanto J. Tricart como A. Journaux, após dominarem o conhecimento dos processos erosivos, inclusive antrópicos, procuraram desenvolver uma geomorfologia aplicada, como no seu famoso texto “*L’epiderm de la terre, esquisse d’une geomorphologie appliquée*” (Ed. Masson, Paris, 1962), onde discute a relação entre geomorfologia e trabalhos urbanos, urbanismo, planejamento agrícola e prospecção dos recursos naturais²⁴.

5

²² A troca de idéias com A. Cholley foi assinalada por Teresa Cardoso da Silva (*J. Tricart, sua vida e sua obra*, Geosul nº35, 2003). G. Osório de Andrade, geomorfólogo pernambucano, politicamente conservador, recebeu com agrado o conteúdo dos artigos, conforme informações de M. Correa de Andrade. O segundo artigo de J. Tricart (*La Pensée* nº 69) foi escrito a pedido da Academia de Ciência, da Polônia.

²³ Vários deles traduzidos, como “*Landforms of the humid tropics, forests and savanas*”, London, Longmen, 1962, o que permitiu a recuperação dos estudos geomorfológicos na Inglaterra, Alemanha e outros países, atrasados em relação às novas tendências morfo-climáticas francesas.

²⁴ Tanto J. Dresch como J. Tricart (ecodinâmica) avançaram nas idéias de geossistema, mas J. Bertrand na França, por ser biogeógrafo, e V. Sotchkava na URSS, por trabalhar com as bases naturais para o planejamento, sistematizaram o paradigma de geossistema. Os contatos científicos entre eles foram facilitados pelas traduções das pesquisas publicadas em russo, programa implantado por J. Dresch na geografia francesa. A temática foi amplamente discutida por C. A. Figueiredo Monteiro: *Geossistemas, a história de uma procura*, Contexto, São Paulo, 2000. No Brasil, alguns geógrafos que haviam alcançado grande autonomia teórica, como Aziz Ab’Saber, C. A. Figueiredo Monteiro e J.J. Bigarella, chegaram por caminhos próprios à idéia de geossistema, baseados na preocupação com os problemas ambientais e na necessidade de planejar o uso dos recursos naturais.

Mas há também a obra de J. Tricart na geografia humana, muito maior do que se pode imaginar. Antes de se especializar em geomorfologia, onde alcançou nível internacional somente comparável a J. Dresch, Tricart, desde suas primeiras publicações em 1946-47 até 1959-60, conciliou sua imensa produção geomorfológica com importante produção na geografia humana, que rivalizou com os estudos de P. George e os de Max Sorre.

Suas primeiras pesquisas de campo na área humana referem-se à geografia agrária e ao habitat rural, estudando uma aldeia na Lorena (com R. Dugrand), estruturas agrárias na Borgonha e um exemplo de sociedade rural em “meio repulsivo”²⁵, que constituíram as bases empíricas para um grande vôo teórico, que foi a publicação de *L’habitat rural*, provavelmente o melhor estudo do tema em língua francesa²⁶. Paralelamente, J. Tricart, que se interessava pela geografia econômica, publicou em 1947 comentários sobre a China e mais tarde alentados artigos sobre a África ocidental, estimulando M. Santos no mesmo sentido²⁷.

Os geógrafos marxistas franceses como J. Dresch, J. Suret-Canale e J. Tricart estudaram a África negra nos anos 40 e 50 a partir de um enfoque econômico-social, baseando-se nas relações metrópole-colônia. No artigo “*L’arachide au Senegal*” J. Tricart destacou a inserção da produção de amendoim no meio rural tradicional, anteriormente de subsistência, decifrou as características principais da produção e da comercialização, além de apresentar três ricos mapas-síntese. A urbanização da França na segunda metade do século XIX provocou maior demanda por óleos vegetais, estimulando o plantio comercial de oliveiras na Tunísia, de amendoim no Senegal, etc. Tricart enfatizou as condições ecológicas do cultivo (solos e climas), distinguindo regiões com sistemas de cultivo conservacionistas e outras especulativas e predatórias, com desgaste dos solos e

²⁵ J. Tricart e R. Dugrand: *Servigny-les-Saint Barbe*, Metz, 1948, 34 p.; *Études de structure agraire en Basse-Bourgogne*, Bull. AGF, 1948, p. 127-140 e *Asmiêres-sous-bois*, Population, 1949, p. 495-510.

²⁶ J. Tricart: *L’habitat rural*, SEDES-CDU, Paris, 1949, que alcançou a terceira edição em 1959 e que é de um padrão teórico muito superior ao de A. Perpillon, sob o mesmo título, na mesma editora.

²⁷ *L’évolution économique de la Chine au cours de la seconde guerre mondiale*, L’Inform. Géogr., 1947, p. 44-49. Os artigos sobre a África ocidental foram: *L’arachide au Senegal*, supl. L’Inform. Géogr., 1954-II, p.48-64, *Rail et route au Sénégal* (com B. Kayser), Ann. Géogr., 1957, p. 328-350 e *Development économique récent du Libéria*, L’Inform Géogr., 1959, p. 193-198. M. Santos escreveu na mesma época *Economia comercial e transformação da paisagem na A.O.F.*, principalmente na Costa do Marfim (notas de viagem) Bol. Carioca Geogr. 1959 e *A cultura do Cacau na Costa do Marfim*, Bol. Paulista Geogr. N°31, 1959, p. 68-95. Tricart publicou ainda na L’Inform Géogr. em 1957 dados estatísticos e comentários sobre a República Democrática Alemã, *O desenvolvimento das minas de ferro canadenses* e *A produção mundial de automóveis*, em 1955. Em 1958, *O desenvolvimento da produção de níquel* e *Principais correntes de transporte marítimo*.

conseqüentes deslocamentos espaciais, lembrando as frentes pioneiras do café no Brasil, incluindo a construção de estradas de ferro, a instalação no porto de Dakar de comerciantes da metrópole com instalações produzindo óleo bruto, farelos, etc. destinados à exportação, bem como a presença de pequenos comerciantes no interior, proprietários de caminhões, freqüentemente sírios-libaneses, como em outros países da África negra²⁸.

O interesse de J. Tricart na área de geografia econômica levou-o a publicar um estudo de geografia da energia, que ele sugestivamente intitulou de “*Sources d’énergie et cultures alimentaires (Le blé, le riz)*”. Deve-se assinalar que a geografia se interessou tardiamente pelas questões energéticas. Na França R. Blanchard abordando a hidroeletricidade na *Révue de géographie alpine* (1924 e 1928) foi uma exceção, assim como J. Chardonnet escrevendo artigo sobre o carvão nos *Annales de géographie* (1943). Repentinamente entre 1948 e 1950 foram divulgadas as idéias de M. Sorre, J. Tricart e P. George sobre a questão energética, quase simultaneamente²⁹.

J. Tricart pronunciou em 1949, no Centro de Formação de jornalistas de Paris, uma série de palestras, que não constituíram um curso propriamente, somando 87 páginas apenas, destacando vigorosamente as relações econômicas, políticas e territoriais da questão energética. Assinalou: 1) a ocorrência de duas revoluções industriais e suas respectivas bases energéticas: máquina a vapor com o carvão e eletricidade com as suas diferentes fontes de energia, 2) as diferenciações continentais e nacionais pois o carvão representando 55% do consumo mundial em 1948, aparecia com 31% da matriz energética dos EUA, mas com 85% da matriz européia, que engatinhava na segunda revolução industrial, 3) a importância do cartel do petróleo (*Standard Oil, Royal Dutch Shell, Anglo-Iranian*, etc), mas também 4) as bases naturais, geológicas, topográficas, hidráulicas da distribuição dos recursos energéticos, etc. De maneira original discutiu o que ele chamou de duas grandes fontes de energia alimentares: o trigo e o arroz, nas páginas finais do texto.

Em 1954 na coleção *Orbis*, dirigida pelo seu mestre A. Cholley, publicou em parceria com P. George “*L’Europe centrale*” em dois volumes, sendo o primeiro de geografia física e humana e o segundo tratou dos Estados nacionais³⁰. P. Birot, J. Dresch,

²⁸ J. Tricart: *L’Arachide au Senegal op. cit.*, que pode ser comparado ao estudo de J. Dresch: *L’évolution des colonies anglaises d’Afrique occidentale et orientale*, Suppl. a l’inform géogr. 1954-II Afrique.

²⁹ M. Sorre: *Les fondements de la géographie humaine*, vol.2, A. Colin, Paris, 1948. O texto de J. Tricart reúne palestras proferidas em 1949, CDU-Sedes. P. George: *Géographie de l’énergie*, Libr. Médicis, Paris, 1950, na coleção *Géographie économique et sociale*, sob a direção de A. Cholley.

³⁰ Os primeiros volumes da coleção *Orbis* foram os de P. George: *URSS, Haute-Asie, Iran*, PUF, 1947, com segunda edição em 1962 e de P. Birot e J. Dresch: *La Méditerranée et le Moyen-orient*, vol. 1, PUF, 1953 e o

P. George e J. Tricart tinham sólida formação em geografia física como em geografia humana, o que explica a divisão de capítulos nos volumes que escreveram para a coleção *Orbis*. No estudo “*L’Europe centrale*” a primeira parte, referente ao quadro físico, foi quase toda de responsabilidade de J. Tricart, salvo o capítulo VII sobre os regimes hidrográficos, que com a segunda parte, chamada de “A formação das nações e dos grupos econômicos” ficaram a cargo de P. George. O segundo tomo, sobre os Estados nacionais, foi dividido em “Economias nacionais de organização capitalista” (Alemanha, Suíça e Áustria) a cargo de J. Tricart, e “As repúblicas populares da Europa central” (Polônia, Tchecoslováquia, Hungria, Romênia), escrito por P. George. J. Tricart distinguiu as bases naturais, históricas e as características originais de cada país e assinalou no caso alemão, para dar um exemplo, a existência de dois complexos industriais e urbanos de grandes dimensões (o Ruhr e Berlim), ao lado de uma rede urbana e industrial disseminada por todo o território, diferentemente da grande concentração francesa em Paris.

6

No conjunto da contribuição de J. Tricart à geografia humana destacam-se seus brilhantes textos “*L’habitat rural*” e “*L’habitat urbaine*”, fascículos I e II do que chamou *Cours de géographie humaine*, publicados respectivamente em 1949 e 1954³¹. Na área humana, como já assinalamos, os primeiros estudos de J. Tricart abordaram geografia agrária e habitat natural, dando continuidade à tradição da geografia européia da primeira metade do século XX, dos trabalhos das comissões de habitat rural da UGI desde o congresso do Cairo (1924) até o de Amsterdã (1938), passando pelos de Cambridge (1928), Paris (1931) e Varsóvia (1934).

No “*L’habitat rural*”, que é o mais completo balanço do tema em língua francesa, mesmo comparado aos estudos de M. Sorre (“*Les fondements de la géographie humaine: l’habitat*”, 1952) e de P. George (“*La campagne: le fait rural à travers le monde*”, 1956), J. Tricart escreveu três longos capítulos sobre: 1) a casa rural; 2) dispersão e aglomeração e 3) a aldeia e suas diferentes formas, cada um deles com indicações bibliográficas, somando 91 figuras e totalizando 175 páginas na 3ª edição, de 1959. J. Tricart contou com a rica

vol. 2 saiu em 1976. Os dois volumes de *L’Europe centrale* de P. George e J. Tricart foram publicados em 1954.

³¹ Estas publicações fazem parte da mesma preocupação de apoio ao pesquisador iniciante, que aparece em J. Tricart, e N. Rochefort e S. Rimbert: *Initiation aux travaux pratiques de géographie (commentaires de cartes)*, Paris, Sedes, 1957 (6ª ed. Em 1976).

herança da geografia francesa sobre a casa rural, estudada exaustivamente, por exemplo, por A. Demangeon, que assinalou o fato dela não ser apenas uma residência, mas também “um instrumento adaptado ao trabalho agrícola, concebido e arranjado pela experiência de várias gerações”³². A aglomeração ou dispersão do habitat rural foram explicadas pela geografia européia ora por fatores naturais (água, relevo), ora fatores ligados a defesa militar, mas também por influências étnicas (povoamentos germânicos, eslavos, etc), obrigando os pesquisadores a aprofundar os múltiplos fatores explicativos e as suas inter-relações. J. Tricart adotou a visão de A. Cholley de que a sociedade rural é o verdadeiro complexo geográfico e o habitat rural é parte dele, envolvendo o meio natural, o meio social e econômico e o meio histórico, como nos sucessivos remembramentos das parcelas agrícolas, por interesses ingleses, que levam à dispersão do habitat, com resistências das comunidades aldeãs, registrando as etapas e as vicissitudes da luta de classes³³.

No seu estudo sobre o habitat rural, J. Tricart além de recuperar as contribuições alemãs fundamentais de A. Meitzen e R. Gradmann, enfatizou o papel dos geógrafos franceses, em primeiro lugar de A. Demangeon, as contribuições de método de A. Cholley (“combinações” ou “complexos”), como também os estudos de R. Dion que combinou os fatos físicos, sob ângulo das condições que eles oferecem à prática agrícola, com as concepções de sistemas de cultivo variáveis segundo as épocas, em função de todo um complexo de fatos econômicos e sociais, colocando o estudo do habitat na perspectiva do materialismo histórico³⁴.

O “*L’habitat urbaine*” é a seqüência de “*L’habitat rural*”. Enquanto contava com experiência de pesquisas agrárias antes de escrever a primeira obra, para a qual apelou por uma enorme bibliografia européia, J. Tricart não havia realizado anteriormente nenhuma pesquisa sobre cidades. Ao ter que ministrar, com trinta anos de idade, seu curso sobre *L’habitat urbaine*, na Universidade de Estrasburgo, partiu basicamente do avanço metodológico concebido anteriormente, referente à idéia de combinações geográficas (A. Cholley). Assim como a casa rural, sobre a influência da geografia francesa, foi seu ponto de partida para “*L’habitat rural*”, a casa urbana acabou sendo seu ponto de partida para

³² A. Demangeon e A. Weiler: *Les maisons des hommes, de la hutte ao gratte-ciel*, 1937 e A. Demangeon: *Essay de classification des maisons rurales*, in *Problèmes de géographie humaine* p.230-235. No Brasil a temática foi estudada por I. Barbosa da Costa e H. M. Mesquita: *Tipos de habitação rural no Brasil*, IBGE, 1978, realizado por indicação de O. Valverde.

³³ J. Tricart: *L’habitat rural* p.66 e 117-118, quando destaca a importância de A. Demangeon, A. Cholley e R. Dion.

³⁴ R. Dion: *La Val de Loire*, Tours, 1933 e sobretudo “*La part de la géographie et celle de l’histoire dans l’explication de l’habitat rural du bassin parisien*” Soc. Géogr. Lille, 1946, p.6-80.

“*L’habitat urbaine*”, onde J. Tricart trabalhou com morfologia urbana na primeira parte e organização das redes de cidades na segunda.

Na morfologia urbana discutiu em três capítulos: 1) os elementos fundamentais da paisagem urbana: construções e espaços livres, 2) o quadro da vida urbana: o plano (concepções e método de estudo) e 3) as estruturas urbanas. J. Tricart partiu do imóvel, menor unidade do espaço urbano, tema freqüente na geografia rural, mas quase ausente até então na geografia urbana e depois ampliou o horizonte para a quadra, as ruas e praças e em seguida para os bairros e finalmente para a estrutura de toda a cidade. Foi obrigado a apelar a urbanistas (P. Lavedan), geógrafos estrangeiros (R. Dickinson e S. Passarge), alguns duramente criticados (G. Taylor), mas também à sociologia urbana americana (Park, Gurgens e Mackenzie) e a poucos geógrafos franceses (R. Blanchard). Tomou da sociologia humana americana as relações forma-conteúdo, mas desenvolveu a idéia de estrutura urbana e sobretudo a de processo sócio-espacial. Aliás, o curso ministrado teve trabalhos práticos realizados pelos seus alunos, sob sua orientação, na cidade de Estrasburgo, resultando em monografias de habitações, ruas, estruturas detalhadas de bairros e cartografia das localizações comerciais e industriais, incluídos na primeira parte do livro³⁵.

Na parte referente a organização das redes urbanas J. Tricart discutiu 1) a repartição das cidades na superfície do globo, 2) as relações das cidades e das regiões vizinhas, 3) as relações das cidades entre si, 4) a disposição das redes urbanas. Acrescentou dois trabalhos práticos sobre: 1) a determinação do raio de influência de uma cidade e 2) estudo das redes de cidades, com mais 16 figuras e 72 novas indicações bibliográficas, totalizando no livro todo 56 figuras e 183 títulos.

A questão das redes urbanas foi enfatizada por W. Christaller, geógrafo marxista alemão, que nos anos 30 chamou a atenção para a centralidade e a hierarquia das cidades, numa divisão social e territorial do trabalho comercial e de serviços³⁶. Deve-se notar que em 1950 J. Tricart usava de maneira incorreta o conceito de “gêneros de vida” para atividades urbanas, caindo em armadilha da geografia regional francesa, mas que corrigiu na introdução geral que escreveu a 3ª edição do *L’habitat rural* (1959), quando assinalou

³⁵ J. Tricart: *Contribution a l’étude des structures urbaines*, Rev. Géogr. Lion, 1950, p.145-156 e *L’habitat urbaine*, CDU, 1954, cuja primeira parte acima referida, contém 40 figuras e 111 títulos bibliográficos.

³⁶ W. Christaller, conforme nota nº6 e “*Relações funcionais entre as aglomerações urbanas e as zonas rurais*” (em alemão), congresso da UGI de Amsterdã (1938), tomo II, p. 123-138.

que ela “não pode ser aplicada satisfatoriamente senão para grupos armados de técnicas arcaicas”, após as críticas formuladas ao conceito por P. George³⁷.

As colocações de Christaller foram fundamentais para redirecionar as pesquisas geográficas e influenciaram as teses orientadas por P. George sobre as redes urbanas da Alsácia (M. Rochefort), da Cote d’Azur (B. Kayser), do Languedoc (R. Dugrand), etc. Quanto ao estudo das redes urbanas, J. Tricart teve o mérito de difundir em língua francesa as idéias de Christaller, com comentários e críticas, o que outros não fizeram.

Com “*L’habitat urbaine*” J. Tricart estimulou estudos em duas áreas de pesquisas na geografia urbana, que estavam obscurecidas na geografia francesa, 1) o espaço interno das cidades e 2) a rede de cidades. Para M. Santos “*L’habitat urbaine*” constituiu o melhor manual sobre cidades produzido pela geografia. Entretanto, muitos pesquisadores julgaram erroneamente que as questões ligadas ao sítio urbano (fatores naturais) estivessem ultrapassadas, quando na verdade J. Tricart as incorporava no estudo da morfologia das cidades, assim como outros estudiosos se equivocaram estudando as atividades apenas sob o ângulo das localizações em bairros e subúrbios, como se as cidades não fossem além de organização espacial (morfologia urbana), lugares da acumulação financeira, industrial, etc, gigantescos complexos econômico-sociais (J. Chardonnet).

Assim sendo, nos últimos anos a geografia humana caiu em novas armadilhas, tentando escamotear o processo de acumulação capitalista, afinal básico da vida urbana, e valorizar a questão da habitação e do consumo em geral, a partir de posturas políticas defensivas e de idéias pós-modernas em moda, como as de M. Castells e H. Lefevre, que aliás se aproveitaram das idéias de J. Tricart, entre outros, sem os devidos créditos.

7

Como assinalamos, a geografia francesa em meados do século XX exercia liderança visível à escala mundial. Assim, logo após a segunda guerra mundial, o Conselho Nacional de Geografia (IBGE) enviou equipes de geógrafos aos EUA e a França, visando conhecer diretamente a produção intelectual naqueles centros. Estiveram em Paris nos anos 1945-49 vários brasileiros do Rio de Janeiro e de São Paulo, tendo como referências A. Cholley e Max Sorre. Os contatos com o primeiro levaram às relações com J. Tricart, que então preparava sua tese de doutoramento. Desta maneira M. Alves de Lima, A. Porto

³⁷ Laboratoire de géogr. de L’ Université de Strassbourg: *Un problème de géographie touristique: le genre de vie balnéaire sur les plages du Calvados*, 1950. *L’habitat urbaine* p.186

Domingues e A. Teixeira Guerra tiveram oportunidade de aproveitar conhecimentos da geomorfologia mais avançada que se fazia então no mundo³⁸.

Após o encontro da UGI no Rio de Janeiro, em 1956, J. Tricart ministrou curso na UERJ, a convite de M. Alves de Lima, rompendo o isolamento imposto por H. Sternberg da UFRJ, principal organizador do congresso, aos geógrafos de esquerda, e que havia convidado somente geógrafos confiáveis politicamente para um curso oficial (K. Troll, P. Birot e outros). A atuação marcante de J. Tricart na reunião da UGI levou M. Santos a convidá-lo para uma estada na Bahia, com apoio da secção estadual do IBGE. O intercâmbio resultou no doutoramento do M. Santos em Estrasburgo, fundamental para sua maioria na geografia humana, bem como em outros doutoramentos (T. Cardoso da Silva, M. Auxiliadora Silva e outros) assim como levou à criação do Laboratório de geomorfologia e estudos regionais na Universidade Federal da Bahia. Por meio de suas articulações na Bahia, fez em 1957 reconhecimentos geomorfológicos em São Paulo (Vale do Paraíba, Sorocaba) e Minas Gerais (Poços de Caldas), que constituíram um treinamento intensivo para Aziz Ab'Saber, organizador das excursões e que se imbuíu da visão morfo-climática, que aprofundou até a famosa teoria dos refúgios³⁹.

Além de presença pessoal de J. Tricart, como nas palestras feitas a convite do CNG, no Rio de Janeiro, sua influência se exerceu pela divulgação das suas publicações. Mas curiosamente seus livros sobre habitat rural e urbano não mereceram a devida atenção na USP e na UFRJ, mas produziram resultados em outros lugares, como na edição do Atlas Geográfico de Santa Catarina, organizado por C. A. Figueiredo Monteiro em 1958, com capítulo sobre o tema⁴⁰.

No caso brasileiro pode-se dizer com M. Alves de Lima⁴¹, que os anos 50 e 60 foram os anos dourados da geografia brasileira, e talvez da própria geografia francesa e naquele tempo se a influência de J. Tricart na Europa ocidental e oriental, na América Latina e em outros lugares refletiu o vigor de suas idéias, é importante que se diga que foi no Brasil que ele criou seus maiores discípulos, mesmo incluindo a própria França,

³⁸ Destes contatos resultou a publicação de “*O relevo de cuevas*” de J. Tricart no Boletim Geográfico (CNG) números 80 e 81, de 1949, traduzidos por O. Valverde. O texto “*Contribuição ao estudo das estruturas urbanas*”, em tradução de Lygia Bernardes, publicado no Bol. Geogr. nº135 em 1956, saiu na França em 1950 (vide nota 35).

³⁹ A tese de M. Santos, “*O centro da cidade de Salvador*” foi defendida em Estrasburgo em 1958 e as excursões a S. Paulo e M. Gerais são relatos orais de Aziz Ab'Saber.

⁴⁰ O capítulo “habitat” no referido Atlas é de minha autoria, bem como as comunicações orais “*Quadra antiga de Florianópolis*” (AGB-Viçosa, 1959) e “*A cidade de Brusque-SC*” (AGB-Moçoró, 1960), onde as idéias de J. Tricart e de A. Cholley foram básicas.

⁴¹ *Os anos dourados da geografia brasileira: antecedentes, realizações e conseqüências dos anos 50 e 60*, Rev. Geo-paisagem (on line) nº3, 2003.

bastando lembrar os nomes de M. Santos e Aziz Ab'Saber, reconhecidos internacionalmente.